

# O PERÍODO DE ESTADA DOS FILHOS DE ISRAEL NO EGITO: UM ESTUDO EXEGÉTICO DE ÊXODO 12:40

---

CHANDLER TIAGO DOS S. SANT'ANA<sup>1</sup>

**Resumo:** A servidão dos israelitas no Egito é um tema singular no texto da Torá e desde a antiguidade há dúvidas sobre quanto tempo os hebreus viveram nesta condição. A presente pesquisa exibirá um estudo exegético de Êxodo 12:40 com o objetivo de precisar o período que os descendentes de Abraão foram escravos no Egito.

58

**Palavras-chave:** Êxodo. Egito. Escravidão. Datação.

## THE PERIOD OF ISRAEL'S EXILE IN EGYPT: AN EXEGETICAL STUDY OF EXODUS 12:40

**Abstract:** Israel's slavery in Egypt is a unique motif in Torah. Since Antiquity there are questions about the period the Hebrews lived in this condition. This study exhibits exegetical considerations about Exodus 12:40, aiming to foster new perspectives about the period Abraham's descendants were slaves in Egypt.

**Keywords:** Exodus. Egypt. Slavery. Dating.

---

<sup>1</sup> Especialista em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrânea pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Especialista em Antigo Testamento pela Faculdade EST. Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista do Nordeste (Uniaene). Estudos Judaicos pelo Seminário Rabínico Latinoamericano Marshall T. Meyer. Contato: chandlertiagosantana@gmail.com

## 1. Introdução

Diversos comentários bíblicos chamam a atenção dos leitores para o fato de existir uma possível contradição entre Êxodo 12:40 e Gênesis 15:13. Isso se dá pelo fato de que os textos parecem divergir quanto ao tempo que os israelitas estiveram no Egito: um texto indica 430 anos enquanto o outro 400 anos (Andiñach, 2010, p. 177-178; Bräumer, 2020, p. 174; Currid *et al*, 2010, p. 138-150; Hoffmeier, 2008, p. 49-54). Além disso, a própria idade dos patriarcas representa um problema, como indicou o arqueólogo israelense Israel Finkelstein (2018, p. 44-45), pois todos excederiam em muito os cem anos para se encaixarem neste período. A dificuldade se agrava na medida em que os arqueólogos não encontram evidências materiais como gostariam de uma estada dos israelitas no Egito.

Outra questão a ser resolvida está relacionado com os originais, uma vez que as testemunhas textuais divergem em suas leituras. Enquanto o Texto Massorético e os textos de Qumrã exibem a leitura: “E o tempo que filhos de Israel habitaram no Egito; quatrocentos e trinta anos”, a Septuaginta e o Pentateuco Samaritano apresentam: “E o tempo que os filhos de Israel habitaram na terra do Egito, e na terra de Canaã, eles e seus pais foi de quatrocentos e trinta anos.”

O presente estudo buscará apresentar uma resposta para estas problemáticas lançando mão da metodologia exegética. Para fazer exegese, o estudante precisa se envolver com as funções e os sentidos das palavras (linguística); com a análise da literatura e do discurso (filologia); com a teologia; com a história; com a arqueologia; com a transmissão dos escritos bíblicos (crítica textual); com a estilística; com a gramática e a análise de palavras; e até mesmo com a sociologia (Stuart, 2008, p. 23). Por questão de espaço, não apresentaremos o passo a passo da exegese; todavia, para chegar às conclusões expostas ao leitor, esses passos foram seguidos.

## 2. Texto e Tradução

וּמוֹשָׁב בְּנֵי יִשְׂרָאֵל אֲשֶׁר יָשְׁבוּ בְּמִצְרָיִם שְׁלֹשִׁים שָׁנָה וָאַרְבַּע מֵאוֹת שָׁנָה:

E o tempo que filhos de Israel habitaram no Egito; quatrocentos e trinta anos.<sup>2</sup>

### 2.1. Crítica Textual

As testemunhas textuais apresentam variantes textuais significativas em nosso texto. Abaixo disporemos essas divergências e as respectivas traduções com a finalidade averiguar qual seria a melhor leitura.

#### Quadro 1: Texto Massorético e Tradução de Êxodo 12:40

M	וּמוֹשָׁב בְּנֵי יִשְׂרָאֵל אֲשֶׁר יָשְׁבוּ בְּמִצְרָיִם שְׁלֹשִׁים שָׁנָה וָאַרְבַּע מֵאוֹת שָׁנָה: <sup>3</sup>
E o tempo que filhos de Israel habitaram no Egito; quatrocentos e trinta anos.	

**Fonte:** Produção do próprio autor.

<sup>2</sup> Todas as traduções foram feitas pelo autor deste artigo.

<sup>3</sup> Texto da *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (1996).

**Quadro 2:** Texto de Qumrã e tradução de Êxodo 12:40

Q 4Q14	בְּאֶרֶץ מִצְרַיִם שְׁלִשִּׁים שָׁנָה וְאַרְבַּע מֵאוֹת שָׁנָה <sup>4</sup>
Na terra do Egito, quatrocentos e trinta anos.	

**Fonte:** Produção do próprio autor.

**Quadro 3:** Texto de Qumrã e tradução de Êxodo 12:40

Q 2Q2	בְּנֵי יִשְׂרָאֵל [א] שָׁר יִשְׁבּוּ בְּאֶרֶץ כְּנָעַן וּבְאֶרֶץ מִצְרַיִם שְׁלִשִּׁים שָׁנָה וְאַרְבַּע מֵאוֹת שָׁנָה <sup>5</sup>
Os filhos de Israel habitaram no Egito, quatrocentos e trinta anos. Tradução Própria	

**Fonte:** Produção do próprio autor.

**Quadro 4:** Texto Samaritano e tradução de Êxodo 12:40

@	וּמוֹשֵׁב בְּנֵי יִשְׂרָאֵל וְאַבְתָּם אֲשֶׁר יִשְׁבוּ בְּאֶרֶץ כְּנָעַן וּבְאֶרֶץ מִצְרַיִם שְׁלִשִּׁים שָׁנָה וְאַרְבַּע מֵאוֹת שָׁנָה <sup>6</sup>
E o tempo que os filhos de Israel habitaram na terra do Egito, e na terra de Canaã, eles e seus pais foi de quatrocentos e trinta anos.	

**Fonte:** Produção do próprio autor.

**Quadro 5:** Texto da Septuaginta e tradução de Êxodo 12:40

G	Ἡ δὲ κατοίκησις τῶν υἱῶν Ἰσραὴλ, ἣν κατώκησαν ἐν γῇ Αἰγύπτῳ καὶ ἐν γῇ Χαναάν, ἔτη τετρακόσια τριάκοντα. <sup>7</sup>
E o tempo que os filhos de Israel habitaram na terra do Egito, e na terra de Canaã, eles e seus pais foi de quatrocentos e trinta anos.	

**Fonte:** Produção do próprio autor.

O leitor pode perceber nas testemunhas textuais exibidas acima uma divergência quanto à geografia de onde os filhos de Israel estiveram por 430 anos. Enquanto o Texto Massorético (M) e os textos de Qumran (Q) indicam uma estada de 430 anos no Egito, a Septuaginta (G) e o Pentateuco Samaritano (@) apontam em outra direção. Segundo estas fontes, os 430 envolveriam o período em Canaã.

Segundo os antigos rabinos, esse texto faz parte de uma lista de 14 textos que foram modificados pelos tradutores da G (b. Meguila 9a).<sup>8</sup> O rabi Yshmael destaca em um Midrash:

Um versículo (Êx 12:40) afirma: “E a habitação dos filhos de Israel na terra do Egito era de quatrocentos e trinta anos”, e outro (Gn 15:13): “E eles os servirão e eles afligi-los quatrocentos anos.” Como esses dois versículos devem ser reconciliados? Trinta anos antes do nascimento de Isaque, a aliança com as partes dos animais foi feita (e depois de seu nascimento até o êxodo 400 anos se passaram). Rebbi diz: Um versículo afirma: “E eles os servirão e os afligirão por quatrocentos anos”, e outro: (v. 16) “E a quarta geração retornará aqui.” Se eles se arrependerem, eu os redimirei por gerações (Abraão, Isaque, Jacó e as tribos). Se não, eu os redimirei por anos. “E a habitação dos filhos de Israel no Egito e em outras terras foi quatrocentos e trinta anos.” Este é um dos versículos que eles (os 72 anciãos mudaram) na tradução da Torá para o rei Ptolomeu (Mekhilta d’Rabbi Yishmael 12:40:1).

A explicação não é clara, mas parece indicar que tal modificação se deu por conta de uma aparente contradição entre Gênesis 15:13 e Êxodo 12:40, o que é razoável. Se lançarmos mão

<sup>4</sup> Texto de Lexham Press (2010).

<sup>5</sup> Texto de Lexham Press (2010).

<sup>6</sup> Texto samaritano de Shoulson (2008).

<sup>7</sup> Texto de Rahlfs (2011).

<sup>8</sup> Todas as citações do Talmude Babilônico seguem a numeração de Neusner (2011).

dos critérios de avaliação de variantes textuais, podemos chegar em conclusões semelhantes à do rabi Yshmael.<sup>9</sup>

Primeiro: a leitura mais difícil é geralmente preferível, uma vez que os copistas tendiam a facilitar o texto, e não a dificultar. Neste caso, a leitura mais difícil é a do M e dos textos de Q, pois representam uma possível contradição com Gênesis 15:13. Segundo: a leitura mais breve é geralmente preferível, pois os escribas tendiam a aumentar o texto e não diminuir; com isso novamente a leitura do M e dos textos de Q é favorecida por representar a leitura mais breve. Ainda podemos lançar mão do critério de *modificação interpretativa*: os escribas tendiam a fazer modificações com a finalidade de ajustar o texto as suas interpretações e assim evitar possíveis contradições. É plenamente possível que o escriba, diante de nosso texto, tenha se visto diante de um “problema”, uma vez que Gênesis 15:13 e Êxodo 12:40 parecem se contradizer. Diante desta dificuldade, o copista decidiu acomodar o texto à, sua visão interpretativa. Assim, a leitura preferível é a do M e dos textos de Q; em outras palavras, essa seria a leitura original.

## 2.2. Análise Textual

Se recorrermos novamente à interpretação de Yshmael, percebemos que ele propõe uma solução para a questão. Segundo ele, os 430 anos começaram com o pacto, quando Abrão tinha cerca de 75 anos (Gn 15:7-17). Os 400 anos, por sua vez, começam após o nascimento de Isaque. O rabino Raphael Hirschi (2021, p. 157) segue na mesma direção. Rashi (2018, p. 120-121), por sua vez, é mais específico ao destacar que as perseguições mencionadas em Gênesis 15:13 começaram com Isaque, o primeiro descendente de Abraão.

A interpretação de que os 430 começaram com o pacto entre YHWH e Abrão parece ser antiga, Paulo afirma na Carta aos Gálatas 3:17:

Quero dizer isto: A lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não anula a aliança previamente estabelecida por Deus, de modo que venha a invalidar a promessa.

O leitor atento pode perceber que essa mesma interpretação parece ter influenciado os escribas que deram origem à variante apresentada acima. Possivelmente essa interpretação era conhecida naqueles dias e os escribas fizeram uso dela para solucionar a “problemática”.

## 3. Contexto Histórico e Arqueológico

É necessário neste momento traçar uma cronologia e buscar fundamentação histórica e arqueológica para esta. A datação dos patriarcas, da estada dos israelitas no Egito e do êxodo não é tarefa fácil, porém buscaremos fazer utilizando as evidências internas (Bíblia Hebraica) e externas (história e arqueologia).

Em 1 Reis 6:1, o leitor é informado de que o quarto ano do reinado de Salomão se deu após 480 anos do êxodo do Egito. O quarto ano de Salomão é datado de 966 A.E.C. Se somarmos 480 a essa data, teremos o ano 1446 A.E.C. para a saída dos filhos de Israel do Egito (Silva, 2014, p. 101). Em Juízes 11:26, Jefté observa que os israelitas estavam há 300 anos na terra. O período em que Jefté viveu foi 1100 A.E.C. Se 300 anos forem acrescentados à essa data, teremos 1400 A.E.C. Ainda devemos levar em conta os 40 anos de peregrinação, então teremos 1440 A.E.C. para o êxodo (Price; House, 2020, p. 83).

<sup>9</sup> Seguiremos aqui os critérios de análise textual exibidos e revisados por Emanuel Tov (2017, p. 223-265).

Em Ezequiel 40:1, temos outra fonte importante para uma possível data do êxodo. O profeta tem uma visão no dia 10 do mês de nisã de 573 A.E.C. (Walton *et al.*, 2018, p. 937). Segundo o Talmude Babilônico, temos nessa data o início do décimo sétimo ciclo de Jubileu que se daria em 622 A.E.C. (b. Arakhin 12b:5). Se somarmos 16 ciclos de Jubileu, cada um com 49 anos, teremos 784. Esse número acrescentado a 622 A.E.C. nos fornece a data de 1406 A.E.C. (Price; House, 2020, p. 83). Adicionando 40 anos de peregrinação no deserto, chegamos a 1446 A.E.C.

Randall Price (2006, p. 114) bem observou que uma data em torno de 1446-1441 A.E.C. está em maior harmonia com os textos da Bíblia Hebraica. As evidências internas parecem favorecer uma data para o êxodo por volta de 1446 A.E.C. Acrescentando 430 anos a essa data, chegamos em 1876 A.E.C. Por volta dessa data YHWH teria feito Sua aliança com Abrão.<sup>10</sup>

O cálculo do tempo de vida dos patriarcas pode indicar quando os descendentes de Abraão entraram no Egito. Abrão tinha 75 anos quando foi chamado, ou seja, quando começaram os 430 anos. Ele tinha cem anos quando Isaque nasceu (Gn 21:5), Isaque tinha 6 anos quando Jacó nasceu (Gn 25:26) e Jacó tinha 130 anos quando foi para o Egito (Gn 47:9). Somando essas idades, temos 215 anos; e se esses anos forem subtraídos de 1876 A.E.C. chegaremos à data de entrada dos filhos de Israel no Egito, isto é, 1661 A.E.C. Entre 1661 A.E.C. e 1446 A.E.C. há um espaço de 215 anos. Em outras palavras, o tempo que os hebreus ficaram no Egito foi de 215 anos. Possivelmente essa percepção do tempo que os hebreus ficaram em cada lugar deu origem à interpretação de que os 430 envolviam o tempo de estada em Canaã, a mesma que deu origem à variante textual exibida acima.<sup>11</sup>

É necessário, neste momento, olhar para o que está acontecendo no Egito e na terra de Canaã nesta época. Nosso estudo está dentro do período do Bronze Médio (1800-1540 A.E.C.) e início do Bronze Recente (1550-1200 A.E.C.). O arqueólogo israelense Amihai Mazar (1992, p. 202) divide esse período da seguinte forma:

Parece-me que uma divisão geral do período BM II inteiro em três fases (A, B, C) está bem documentada com base em estratigrafia, cerâmica, tipologia e desenvolvimento de outros artefatos. A primeira fase, BM IIA, pode ser correlacionada com a Décima Segunda e talvez a Décima Terceira Dinastias (até 1800 ou 1750 A.E.C.). A segunda fase – BM IIB – pode ser correlacionada com a outra parte da Décima Terceira Dinastia (até 1650 A.E.C.) e a terceira fase – BM IIC – se correlaciona com a Décima Quinta Dinastia dos hicsos (até 1540 A.E.C.).

<sup>10</sup> A forma como as aparições estão dispostas no Gênesis mostra que a promessa feita em Gênesis 12:1-3 ganha novas cores à medida que a história avança. Agora, o leitor atento poderia se perguntar se Deus fez com Abraão uma ou duas alianças, visto que no capítulo 15 fala-se de uma aliança, e no capítulo 17, parece falar de outra. A resposta pode ser encontrada na palavra hebraica אֲבִירָה, utilizada em Gênesis 17:7, que está no Hifil e pode ser traduzida por “confirmarei” (BRIGGS *et al.*, 1977, p. 878). Assim, o que estaria acontecendo em Gênesis 17 seria a confirmação e adição de um sinal a uma aliança já feita em Gênesis 15. Sobre a relação de Gênesis 15 e 17, Nahum Sarna (1989, p. 123) explica que “a ‘aliança na carne’ tem muito em comum com a ‘aliança entre os pedaços’ de Gênesis 15, pressupondo-o e complementando-o de várias maneiras. A cerimônia da aliança lá descrito é a base para a palavra-chave *brit*, ‘pacto’, que o narrador emprega mais de 80 vezes nesse capítulo. Aqui, além disso, essa aliança é três vezes redefinida como ‘aliança eterna’ (17:7,13,19). Na passagem anterior, Abrão é o receptor passivo. Agora Deus o convoca para ser um parceiro ativo na aliança. Em ambas as seções, a revelação começa com a fórmula divina e auto introdutória: ‘Eu sou [...]’ (Gn 15:7; 17:1). Em ambas há a promessa de um filho, mas aqui, pela primeira vez, a matriarca é especificamente designada como a futura mãe (Gn 15:4; 17:16,19,21). Ambos os capítulos prometem uma descendência numerosa (Gn 15:4; 17:4) e território nacional, mas aqui o último deve ser ‘uma possessão eterna’ (Gn 15:18; 17: 8). Finalmente, ambas as seções registram a reação emocional do patriarca ao anúncio de Deus (Gn 15:3,8; 17:17)”.

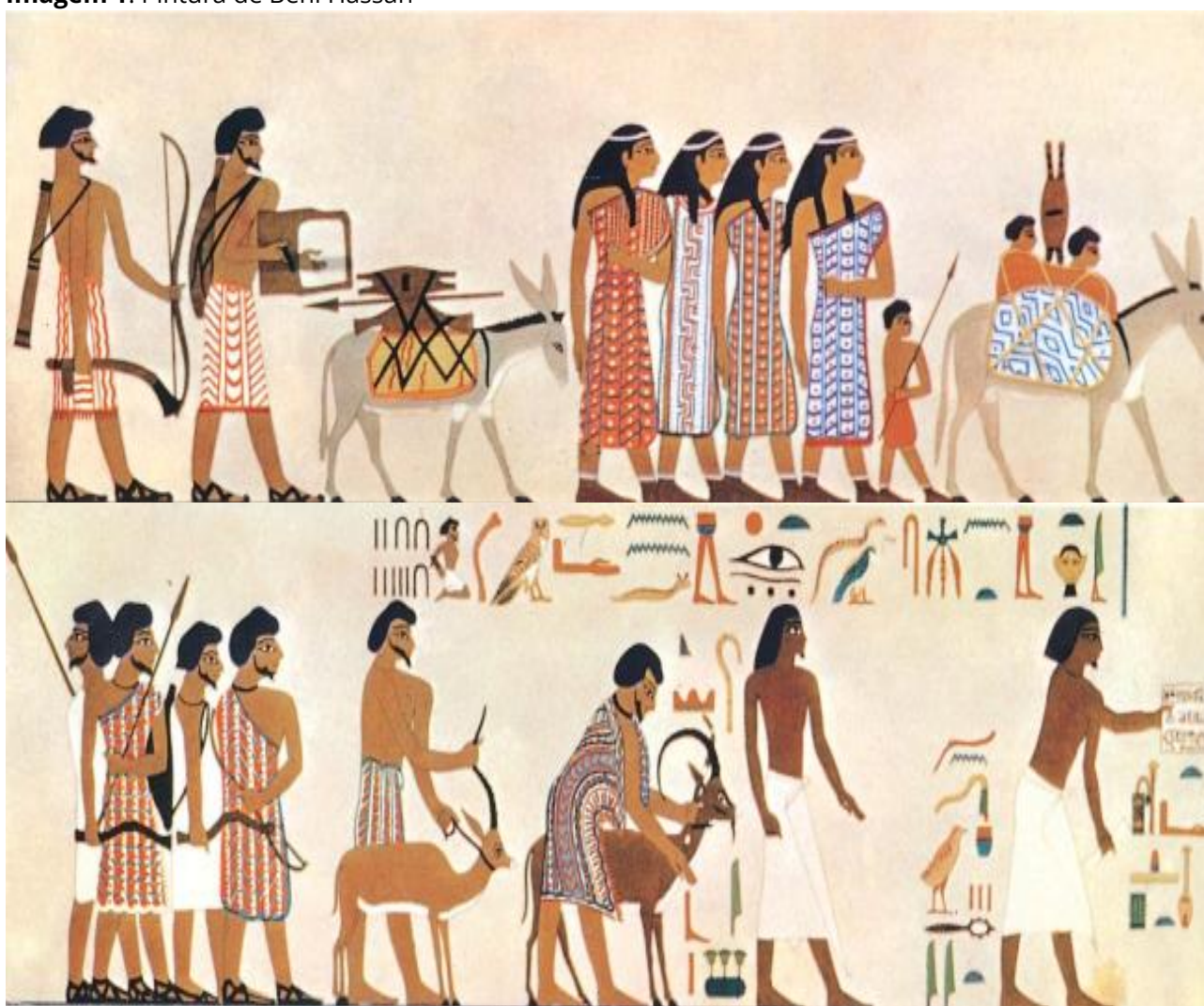
<sup>11</sup> Para outras possíveis datas para o êxodo, ver Roland de Vaux (1975, p. 374-377).

Durante a época do “Reino Médio” no Egito (aproximadamente 1800 A.E.C.) não há indícios de uma dominação egípcia da terra de Canaã como no “Reino Novo”. A evidência material parece indicar que as relações do Egito com os governantes do Levante eram comerciais e não de vassalagem como em períodos tardios.

Objetos do Império Médio egípcio encontrados em diversos sítios da Palestina e da Síria suprem evidência adicional dos contatos entre aqueles países. A mais rica coleção desses objetos foi encontrada em Biblos – o porto principal a partir do qual a madeira libanesa era embarcada para o Egito e, conseqüentemente, a porta de entrada para a influência egípcia no Levante (MAZAR, 1992, p. 194).

Uma pintura encontrada em uma vila chamada Beni Hassan de cerca de 1800 A.E.C. exhibe semitas entrando no Egito para fazer negócios. Tal imagem reflete bem as relações entre os semitas e os egípcios nessa época.

**Imagem 1:** Pintura de Beni Hassan



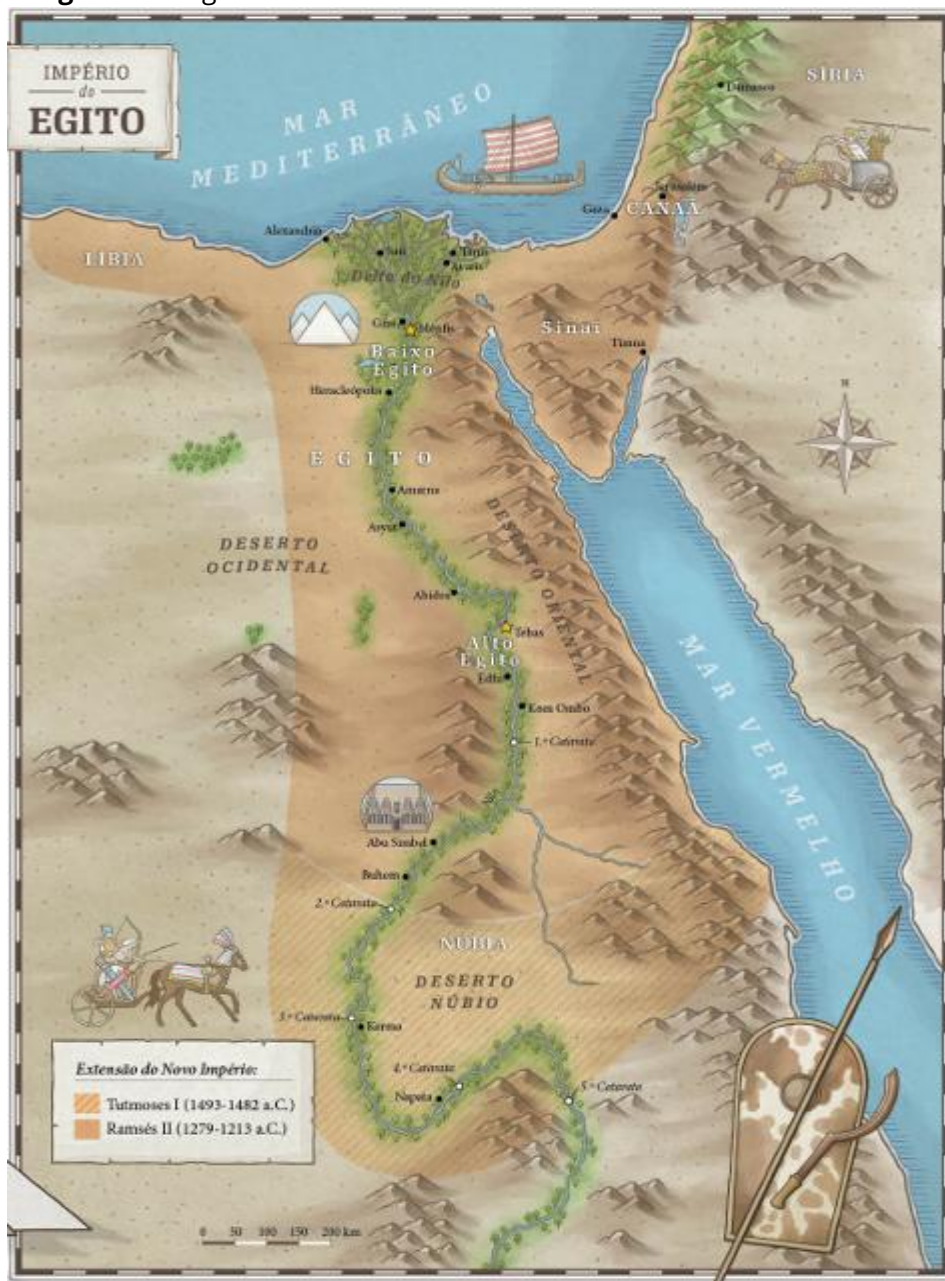
**Fonte:** (HOFFMEIER, 2008, p. 40 – 41).

Essa pintura também é importante para nosso conhecimento do estilo de vida patriarcal, pois o texto de Gênesis fala da riqueza de Abraão em gado e ovelhas (Gn 12:16). Mais tarde menciona os irmãos de José e a túnica colorida que Jacó deu a José (Gn 37:3). Refere-se às



ovelhas e cabras de Jacó (Gn 30: 33-43). Instrumentos musicais são mencionados como a harpa (Gn 31:27) e armas como o arco e flecha usadas para proteção (Gn 27:3). Essa pintura mostra pessoas da mesma linhagem que Abraão, Isaque e Jacó usando roupas, cuidando do mesmo tipo de animais e usando implementos conforme descrito no registro bíblico.

**Imagem 2:** Geografia do Delta do Nilo



**Fonte:** Reinke (2023, p. 43).

A presença semita cada vez maior no Egito e a diminuição do poder egípcio deu espaço para um povo estrangeiro dominar sua terra, os hicsos. Os hicsos se estabeleceram em Aváris/ Tell el-Dab'a no delta e por cem anos se fortaleceram ali até que tivessem força suficiente para tomar o Egito (Beitzel, 2015, p. 106; Weinstein, 1995, p. 84-89). Esse domínio se estendeu até 1560 A.E.C., quando os egípcios saqueram Aváris e pouco tempo depois expulsaram os hicsos da terra começando o assim chamado “Reino Novo” (Hayes, 1959, p. 3-41).

A ascensão de José no Egito possivelmente se deu pelo fato de os hicsos governarem a terra do Egito nesse período. Esses governantes, por serem semitas, teriam alguma simpatia por José que os egípcios não teriam. Analisando o quadro geral do Egito e Levante nesta época, Mazar (1992, p. 231) afirma:

Diversos estudiosos sugeriram que o ambiente cultural do BM II provê um pano de fundo dos mais apropriados para as sagas patriarcais do livro de Gênesis. A terra de Canaã aparece nessas histórias como possuidora de uma próspera cultura urbana, com clãs de pastores vivendo entre as cidades, exatamente como era a situação no BM IIB-C. A cronologia bíblica, ao atribuir quatrocentos anos à permanência no Egito, de José até Moisés, aponta para o século 17 A.E.C. como a época de Jacó. A elevada posição de José no Egito poderia se encaixar no período dos hicsos, quando príncipes semitas dominavam o Baixo Egito.

Embora o texto de Gênesis e de Êxodo pareça se encaixar bem nesse cenário histórico, temos poucas evidências diretas de uma escravidão israelita. As fontes arqueológicas testemunham da existência de um grupo de pastores do Levante conhecidos como *Shasus* no século 15 A.E.C. Nesta mesma época o faraó Amenófis II ordena que grupos de *Shasus* sejam levados da Ásia para o Egito com a finalidade de serem escravos (Peetz, 2022, p. 71; Currid *et al.*, 2010, p. 133).

Uma inscrição hieroglífica datada de 1400 A.E.C. descoberta no templo construído pelo faraó egípcio Amenhotep III em Soleb, que fica no atual Sudão, apresenta a expressão “ta shasu Yahuaw”. O texto se refere a um grupo de seguidores nômades de YHWH, possivelmente os israelitas. A importância de tal achado se dá por ser a menção mais antiga conhecida do nome do Deus de Israel e por testemunha que entre aqueles shasus que viviam no Egito havia israelitas.

Malanie Peetz (2022, p. 73), ao propor uma hipótese para a formação do antigo Israel, sugere que quando esses nômades *shasus* foram expulsos ou fugiram do Egito, se agruparam com o imergente Israel das montanhas e teriam introduzido neste o relato do êxodo. Mesmo a autora não acreditando no relato do êxodo como exibido na Bíblia Hebraica, ao se deparar com a evidência exibida acima, salienta que ela pode ser um apoio para uma saída de um grupo de *shasu/israelitas* do Egito. Peetz (2022, p. 74) salienta que o fato de a tradição do êxodo estar profundamente arraigada a memória do antigo Israel indica que ela não seria mera ficção.

A presente evidência não nos permite provar para longe de quaisquer questionamentos que aconteceu um êxodo, porém sua relevância não pode ser minimizada. Ela atestada que os *shasu/israelitas* viveram no Egito e possivelmente em algum momento como escravos. Esse quadro parece refletir bem os relatos de Gênesis e Êxodo acerca de hebreus indo ao Egito.

É necessário identificar o faraó do êxodo para o avanço da presente pesquisa. Diversos estudiosos têm identificado Tutmés III (1504-1450 A.E.C.) como o faraó da época em que os hebreus saíram do Egito. O período de reinado desse faraó coincide com o que foi apresentado acima para o êxodo. O arqueólogo Rodrigo Silva (2008, p. 97) destaca:

O dia a dia das olarias egípcias está bem preservado em vários desenhos que decoram paredes de tumbas egípcias. Uma, em especial, merece ser mencionada. Ela pertenceu a um vizir chamado Rekhmire, que viveu sob o domínio de Tutmés III, cerca do século 15 A.E.C., isto é, perto da época do Êxodo. Ali tem as várias cenas de trabalhadores braçais semitas (muitos deles, certamente hebreus) fabricando tijolos, à semelhança do que descreve o relato bíblico. Os capatazes egípcios são representados com varas nas mãos chicoteando impiedosamente os trabalhadores escravos.



Imagens encontradas em Karnak gravadas em pedra exibem Tutmés III oprimindo escravos semitas no Egito. O faraó parece estar matando seus inimigos cananeus segurados em sua mão esquerda. Com as mãos erguidas, eles imploram por misericórdia.

**Imagem 3:** Tutmés III oprimindo escravos asiáticos



**Fonte:** (RASMUSSEN, 2010, p. 166).

O relato dos primeiros capítulos de Êxodo parece refletir bem a cultura e política da época, o que nos leva a concluir que a estada dos hebreus no período apresentado acima era uma realidade.

Ainda a narrativa do êxodo conforme apresentada na Bíblia Hebraica indica que o faraó do êxodo teria morrido no mar e por consequência sua múmia teria se perdido. A múmia atribuída a Tutmés III difere fisicamente em muito das esculturas dele que foram encontradas, o que parece indicar que não se trata da mesma pessoa. Alguns estudiosos sugeriram que as esculturas foram feitas de tal forma para valorizar o faraó como um guerreiro. Tal posição deve ser levada em consideração, porém não se pode passar por alto a possibilidade de serem duas pessoas distintas (Smith, 2000, p. 31-36). Em outras palavras, a múmia seria de outra pessoa, e a figura máscula poderia muito bem ser o próprio Tutmés III, já que o faraó era um grande guerreiro.

**Imagem 4:** Múmia de Tutmés III

**Fonte:** Smith (2000, p. XXVIII).

Outra dificuldade surge quando exames de raio-X indicam que a suposta múmia do faraó tinha apenas 40-45, anos enquanto sabemos que Tutmés III viveu pelo menos 54 anos (Barros, 2022). Sendo assim, o que teria motivado alguém a colocar uma múmia de outra pessoa no lugar da do soberano? Possivelmente as crenças egípcias na vida por vir. Os egípcios mumificavam os faraós para que não houvesse uma desintegração dos elementos que compunham a existência humana. Se a múmia de tal faraó se desintegrou no mar, já não haveria parte para ele no mundo por vir (Laboury, 2006, p. 165-186; Budge, 2020, p. 9). Assim, algum sacerdote deve ter tomado uma múmia de outro homem na tentativa de enganar a alma quando essa voltasse para o corpo no momento de ir para a vida futura.

Mas ainda poderia ser questionado o fato de Amenhotep II, filho de Tutmés III estar vivo após o êxodo, quando ele deveria estar morto em decorrência da décima praga. Bruno Barros (2022) argumenta que, na verdade, quem teria morrido nesse momento seria o filho de Amenhotep II, neto de Tutmés III, uma vez que esse estava em campanha no Levante devido à sua corregência com o pai.

## 4. Considerações Finais

Nossa pesquisa demonstrou que a melhor leitura e possivelmente a original de Êxodo 12:40 é a do Texto Massorético. As variantes surgiram em decorrência de interpretações na antiguidade, as quais parecem indicar que nos primeiros séculos A.E.C. havia uma compreensão de que os israelitas não ficaram 430 no Egito. Os períodos de vida dos patriarcas encontrados nas narrativas do Gênesis corroboram essa interpretação. Assim, os hebreus estiveram 215 anos na terra de Canaã e 215 no Egito. Embora a evidência material seja escassa o que se tem até o presente momento parece apoiar ao menos em linhas gerais o relato da escravidão dos hebreus no Egito.

## Referências

- ANDIÑACH, P. **O livro do Êxodo**: um comentário exegético-teológico. Leopoldo: Sinodal;EST, 2010.
- BARROS, B. **História e historiografia de Israel**. 2022. Notas de aula.
- BÍBLIA. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: German Bible Society Westminster Seminary, 1996.
- BRÄUMER, H. **Êxodo**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2020. (Comentário Esperança)
- BRIGGS, C. A.; BROWN, F. D. **Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon**. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1977.
- BUDGE, W. **O livro dos mortos do Antigo Egito**. São Paulo: Madras, 2020.
- CURRID, J; BARRETT, D. (Eds.). **Crossway ESV Bible atlas**. Wheaton, IL: Crossway, 2010.
- DAVID, A. **A biographical dictionary of Ancient Egypt**. Londres: Seaby, 2003.
- FINKELSTEIN, I. **A Bíblia desenterrada**: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HAYES, W. **The Scepter of Egypt**: a background for the study of the Egyptian antiquities in the Metropolitan Museum of Art. Part II: he Hyksos Pperiod and the New Kingdom (1675-1080 B.C.). Nova York: Plantin Press, 1959.
- HIRSCH, R. S. **Torá Interpretada – volume 2: Êxodo**. São Paulo: Sêfer, 2021.
- HOFFMEIER, J. **Arqueología de la Biblia**. Madrid: San Pablo, 2008.
- LABOURY, D. Royal portrait and ideology: evolution and signification of the statuary of Thutmose III. In: CLINE, E; O'CONNOR, D. (Orgs.) **Thutmose III: a new biography**. An Arbor, MI: The University of Michigan Press, 2006.
- MAZAR, A. **Archaeology of the land of the Bible, 10,000-586 B.C.E**. Londres: Yale University Press New Haven, 1992.
- NEUSNER, J. **The Babylonian Talmud**: a translation and commentary. Peabody, MA: Hendrickson, 2011.
- PEETZ, M. **O Israel bíblico**: história, arqueologia e Geografia. São Paulo: Paulinas, 2022.
- RASMUSSEN. **Zondervan atlas of the Bible**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010.

REINKE, D. A. **Atlas Ilustrado da Bíblia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2023.

PRICE, R.; HOUSE, W. **Manual de arqueologia bíblica Thomas Nelson**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

PRICE, R. **Arqueologia Bíblica**: o que as últimas descobertas da arqueologia revelam sobre as verdades bíblicas. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

QUMRÃ. **4Q14 Exodus c**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2010.

QUMRÃ. **2Q2 Exodus a**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2010.

RAHLFS, A. **Septuaginta**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

RASHI. **Sefer Shemot**: Êxodo: com comentários de Rashi. São Paulo: Maayanot, 2018.

SARNA, N. M. **Genesis**. Genesis = Bereshit. The JPS Torah commentary. Fildélfia, PA: Jewish Publication Society, 1989.

SILVA, R. **Escavando a verdade**: a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

SHOULSON, M. (Org.). **The Torah**: Jewish and Samaritan versions Compared. A side-by-side comparison of the two versions with the differences highlighted. Evertime, 2008.

SMITH, E. **The royal mummies**: catalogue général des antiquités égyptiennes du Musée du Caire. Duckworth Publishers, 2000.

STUART, D., FEE, G. **Manual de exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

TOV, E. **Crítica textual da Bíblia Hebraica**. Rio de Janeiro: BVBooks, 2017.

VAUX, R. **Historia antigua de Israel I**: desde los origenes a la entrada em canaan. Madri: Ediciones Cristiandad, 1975.

WALTON, J.; MATTHEWS, V.; CHAVALAS, M. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WEINSTEIN, J. Exodus and Archaeological Reality. In: FRERICHS, Ernest; LESKO, Leonard. (Org.). **Exodus**: the Egyptian evidence. Indiana: Eisenbrauns, 1997.

WEINSTEIN, J. Reflections on the chronology of Tell el-Dab'a. In: DAVIES, V; SCHOFIELD, L. (Orgs.). **Egypt, the Aegean and the Levant interconnections in the second millennium BC**. London: British Museum Press, 1995.

YSHMAEL, R. Mekhilta d'Rabbi Yishmael 12:40:1. **Sefaria**. Disponível em: <  
<https://www.sefaria.org/Exodus.12.40?lang=bi&with=Mekhilta%20d%27Rabbi%20Yishmael&lang2=en>> Acesso em: 28 de nov. 2022